O ESPAÇO CULTURAL E BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CHIBÉ: LUGAR DE PERTENCIMENTO E BEM VIVER

EL ESPACIO CULTURAL Y BIBLIOTECA COMUNITARIA CHIBÉ: LUGAR DE PERTENENCIA Y BUEN VIVIR

THE CHIBÉ CULTURAL SPACE AND COMMUNITY LIBRARY: A PLACE OF BELONGING AND GOOD LIVING

Dábila de Cássia Brito de Miranda[1]
https://orcid.org/0000-0002-7381-6364
http://lattes.cnpq.br/9196567323189366

Talita de Oliveira Mendes[2]
https://orcid.org/0009-0001-9444-3085
http://lattes.cnpq.br/9308665498062323

Taynara Morais Portal[3]
https://orcid.org/0009-0005-2945-4019
http://lattes.cnpq.br/8678549787652220

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o Espaço Cultural e Biblioteca Comunitária Chibé, localizado no Distrito de Icoaraci (PA), o qual se debruça nas múltiplas linguagens como ferramenta de impacto social, cultural e climático. Através de ações voltadas à busca de salvaguardar a memória, as práticas tradicionais e o fazer comunitário. O Chibé configura-se como espaço extracurricular e interseccional, que promove acessos para jovens, crianças e adultos, fortalecendo o sentimento de pertencimento e vivência do Bem Viver.

Palavras Chave: Biblioteca; linguagens; memória; Bem Viver.

RESUMEN: Esta investigación tiene como objetivo presentar el Espacio Cultural y Biblioteca Comunitaria Chibé, ubicado en el distrito de Icoaraci, Pará. Este espacio se centra en el uso de múltiples lenguas como herramienta para el impacto social, cultural y climático. Mediante acciones que salvaguardan la memoria, las prácticas tradicionales y el trabajo comunitario, Chibé es un espacio

[1] Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Amapá (2019) Mestrado em Estudos de Fronteiras pela Universidade Federal do Amapá (2022). Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. E-mail : dabilabrito@gmail.com.

[2] Licenciada em História pelo Centro Universitário - FIBRA (2022), Pós-graduada em Amazônia, História, Espaço e Cultura pela FIBRA (2023) e Mestranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia na Universidade Federal do Pará (2024), email: tmenndes12@gmail.com.

[3] Licenciada em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará - UEPA (2011); Especialista em Memória, Espaço e Cultura pelo Centro Universitário - FIBRA (2016); Mestra em Ciências da Religião no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião – PPGCR na Universidade do Estado do Pará - UEPA(2023); Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA da Universidade Federal do Pará - UFPA. Email: tayportal@gmail.com.

extracurricular e interseccional que promueve el acceso de jóvenes, niños y adultos, fortaleciendo el sentido de pertenencia y la vivencia del Buen Vivir.

Palabras clave: Biblioteca; idiomas; memória; Buen Vivir.

ABSTRACT: This study aims to present the Chibé Cultural Space and Community Library, located in the district of Icoaraci (PA), which engages with multiple forms of expression as a means of fostering social, cultural, and climate-related impact. Through initiatives dedicated to safeguarding collective memory, preserving traditional practices, and promoting community engagement, Chibé is established as an extracurricular and intersectional space that expands access for youth, children, and adults, while strengthening the sense of belonging and the lived experience of good living.

Keywords: Library; languages; memory; Good Living.

1. INTRODUÇÃO

A luta de diferentes coletivos, espaços sociais idealizados por mulheres negras, têm ganhado cada vez mais espaço e fomentado um cenário efervescente na Amazônia. As organizações de mulheres negras buscam romper opressões, desigualdades sociais e construir narrativas através de suas experiências em torno de um único objetivo, romper com silenciamentos históricos e promover a continuidade da garantia de conquistas no campo social, cultural e ambiental. Desta forma, que se origina a Biblioteca Comunitária e Espaço Cultural Chibé, localizada em Icoaraci no Distrito de Belém (PA), o qual iniciou sua trajetória em 2019 dentro da Universidade do Estado Pará (UEPA), tendo inicialmente como objetivo apresentar produções cinematográficas e promover debates dentro da realidade amazônica, que envolviam questões culturais, políticas e sociais.

Contudo, é importante destacar que foi a partir de experiências pessoais e de motivações acadêmicas construídas ao longo da disciplina de Escrevivências e Letramento Contracolonial no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará, que se desenvolveu a construção deste trabalho, pois falar de escrevivência é refletir sobre ancestralidade, críticas sociais pertinentes e profundos atravessamentos subjetivos. Assim como, escrever sobre esse espaço cultural envolve afetos, motivações políticas, sociais e principalmente apresenta o protagonismo desenvolvido por diversas mulheres negras dentro do Chibé.

A estrutura metodológica no artigo apresenta em um primeiro momento o histórico de Icoaraci e sua importância social e cultural como distrito de Belém, e correlacionando alguns

pontos de análise com os conceitos de Bem Viver (Yampara,1995; Acosta, 2019; Krenak, 2020), escrevivências (Evaristo, 2017) e o ativismo sobre justiça climática de mulheres negras (Gonzalez, 2020). Ao relacionarmos esses tópicos, apontamos práticas e atuações do Chibé nos últimos anos e como ele se organiza e se estrutura atualmente como uma biblioteca comunitária e um espaço cultural.

Para atender aos objetivos propostos nesta pesquisa, optou-se pela combinação de abordagem qualitativa. Para a pesquisa de campo, foi feito um estudo de caso visando conhecer em profundidade o coletivo Chibé. Com o suporte da pesquisa bibliográfica e documental tendo se recorrido a livros, artigos científicos, relatórios de pesquisa e outras fontes consideradas relevantes para nortear o desenvolvimento do trabalho e baseado em teorias para compreender o estudo.

Com base nos escritos de Tatiana Gerhardt e Denise Siqueira (2009) , podemos catalogar a pesquisa como qualitativa, visto que o foco dessa pesquisa está baseada em aprofundamento de conhecer o Chibé e suas atividades sociais, assim a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Gerhardt & Siqueira, p.34;2009).

Também como metodologia, utilizamos da pesquisa de campo, que se estrutura através de investigações em que as coletas foram realizadas em conjunto com as pessoas, nesse caso as administradoras do Chibé. (Gerhardt & Siqueira, p.40;2009) As atividades em campo contou com entrevistas, com Tayna Suelen Silva da Silva e Silvia Maria Silva idealizadoras e financiadoras do Espaço Cultural e Biblioteca Comunitária Chibé, a partir da data de 11 de julho de 2025, marcamos reuniões com as duas idealizadoras do projeto, em encontros semanais, às sextas feiras, com horário de início às 17 horas e se estendeu por todo mês de julho. Nesses encontros nós podemos ter uma conversa mais minuciosa com as interlocutoras além do que tivemos a participação durante alguns eventos que ocorreram nesse mesmo período, no qual pudemos relatar uma observação participante frente as atividades do Chibé.

Além do material etnográfico obtido por meio do contato direto com as interlocutoras e das entrevistas realizadas, foram utilizados documentos e outros pareceres como a “Carta de Direitos Climáticos por Icoaraci: Um Manifesto por Bem-Viver”, elaborada e construída pelas ativistas que atuam no coletivo chibé. Em face dessa realidade, o artigo em questão reflete como o Espaço Cultural e Biblioteca Comunitária Chibé é um lócus que fomenta a construção de um Bem Viver em Icoaraci, distrito de Belém (PA).

2. O CHIBÉ - HISTÓRIA E AÇÕES

O Chibé em seu primeiro formato tinha como objetivo realizar produções audiovisuais, como citado anteriormente, sendo promovido por discentes integrantes do Centro Acadêmico de História (CAHIS) da UEPA e buscava parcerias institucionais para promover o evento, como relata sua idealizadora, Tayna Silva em uma entrevista para a Agência Pará em 2019.

> A gente percebeu que o pouco contato que tínhamos com produções audiovisuais realizadas na Amazônia falava muito sobre o incentivo que tais produções recebem aqui. Ou melhor dizendo, a falta de incentivo. Então, o pouco incentivo e a falta de valorização do próprio público amazônico sobre essas produções que tanto tem a dizer, foi o que impulsionou ainda mais a nossa vontade em dar vida ao evento. Na tentativa de seguir no caminho contrário, de incentivar não apenas as criações de produções audiovisuais futuras, mas também de aproximar do público, uma vez que percebemos o quanto na Amazônia tem um material riquíssimo no mundo audiovisual (Agência Pará, 2019).

Refletindo sobre o direito ao acesso cultural na cidade de Belém, Tayna enquanto discente do curso de história, na época, observou no cinema uma ferramenta para desenvolver debates críticos sobre a realidade amazônica, que denunciavam formas particulares de dominação e subalternização da região.

Desta forma, nascia o Chibé como um espaço específico para criar e responder às expectativas audiovisuais dos discentes de História da UEPA e fomentar novos debates para os acadêmicos e público em geral, uma parceria direta com o Núcleo de Arte e Cultura da Universidade do Estado do Pará (NAC – Uepa), a qual proporcionou a I Mostra pensando em Cinema, História e Belém. Porém, ao final de 2019 por conta da pandemia da covid-19 (Corona vírus SARS-CoV-2) a programação que se estenderia até o final do ano foi interrompida e o Chibé foi se moldando com novos rumos.

O nome “Chibé” faz referência a um prato da região entre as comunidades ribeirinhas, simbolizando a união, partilha e nutrição do corpo. Com origem ligada às comunidades tradicionais e, bem como o prato típico, o coletivo busca nutrir a comunidade através do acesso pleno à literatura, ao cinema e à justiça social e climática. Além disso, promovia visibilidade sobre o cinema paraense e nortista. Na imagem a seguir temos Tayna Silva e Danilo Barbosa, ambos ainda acadêmicos do curso de história e organizadores da I Mostra Chibé “Cinema e História de Belém”, realizado no Sesc Belém em 2019.

Figura I: Tayna Silva e Danilo Barbosa.

Fonte: Agência Pará, 2019.

Durante o período de isolamento, as atividades feitas pelo coletivo passaram a formular estratégias que culminaram na construção do espaço físico em Icoaraci. Para Tayna Silva, o Chibé surge como ferramenta para refletir sobre o protagonismo do audiovisual produzido na Amazônia, incorporando tanto suas experiências pessoais quanto as reflexões feitas dentro da universidade, diante de padrões, currículos e atividades que não a representavam. O Chibé se torna o espaço que o faz pensar novas possibilidades diante da falta de representatividade.

Neste local se depara com um mundo que não lhe representava, enquanto mulher negra e periférica e necessitava realizar ações concretas, que a motivassem a constituir um movimento trazendo pautas para a centralidade da sua realidade enquanto mulher negra da Amazônia.

Graças ao sentimento de coletividade e à doação de Sílvia Maria (Mãe de Tayna), umas das financiadoras e integrantes do espaço, o coletivo tem sua própria sede, desde 2022. O que facilitou de maneira significativa o desenvolvimento das atividades com a comunidade, grupos e outras instituições.

O Chibé, atualmente, possui um acervo de livros com diversos gêneros literários; a biblioteca foi formada com doações de livros, que podem ser emprestados e alguns

comercializados através do sebo online (estante virtual), além de desenvolver atividades dentro dos eixos de atuação, como: Território, Identidade e Ancestralidade – dedicado à criação de espaços que fortaleçam coletivamente o pertencimento e identidade das comunidades de Icoaraci; Cultura, Clima e Comunicação – dedicado à criação de tecnologias e saberes que conectem educação como ferramenta de enfrentamento á crise climática nas periferias da Amazônia; Democracia, Participação e Advocacy – dedicado a apoiar a participação democrática e diversa de lideranças do território de Icoaraci, Belém/PA, em espaços públicos de tomadas de decisão, além de fortalecer a incidência em politicas públicas para o Distrito.

A imagem II apresenta Dona Silva Maria e Tayna Silva na biblioteca do Espaço Comunitário Chibé.

Figura II: Dona Silva Maria e Tayna Silva.

Fonte: Arquivo pessoal das interlocutoras, 2023.

O Chibé conta com diversos projetos paralelos que ganharam força e parcerias institucionais como a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente, Yellow Zone que promove apoio cultural e ambiental em comunidades periféricas debatendo e democratizando o assunto em questão. Por fim, com a inscrição de projetos na Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura ou à Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) e os diversos financiamentos firmados, permitiram que o Chibé realizasse diversas ações e atividades em seu espaço e em outras localidades de Icoaraci, como escolas, olarias, espaços de lazer entre outros.

Todas suas atividades envolvem as mulheres negras que atuam no espaço comunitário, seus debates envolvem o direito à moradia, à segurança alimentar, à educação de qualidade, questões ambientais e valorização de saberes tradicionais, que para González (2020) “Essa questão é de caráter ético e político. Se estamos comprometidas com um projeto de transformação social, não podemos ser coniventes com posturas ideológicas de exclusão, que só privilegiam um aspecto da realidade por nós vivida” (Gonzales, 2020, p. 269-270).

Constituído integralmente por mulheres em sua maioria negras, educadoras, que decidiram unir seus saberes em defesa das realidades periféricas através de ações que pautam a luta antirracista, o Chibé tem atuado em combater desigualdades que para Gonzalez (2020) “o antirracismo como algo que não está fora do movimento de mulheres, mas como algo intrínseco aos melhores princípios feministas” (Gonzalez, 2020, p. 142).

3. AS ESCREVIVÊNCIAS COMO PRÁTICAS NA CONSTRUÇÃO DE SI E DO OUTRO

Ao narrarem a construção do Chibé desde a sua I mostra audiovisual até a construção do seu espaço físico com a biblioteca e espaço comunitário, observamos nas falas de nossas interlocutoras, que ambas narram sobre suas trajetórias, suas experiências pessoais, pois consideram em suas histórias de vida, a busca por motivações suficientes para criar meios e estratégias de enfrentamentos para lidar com diversas desigualdades ao qual estiveram e ainda estão expostas.

Para Conceição Evaristo (2020) quando se trata de falar de si em suas escrevivências, é registrar, observar e absorver sobre a vida a partir da escrita dos considerados grupos excluídos. Ao assumir a responsabilidade de criar um espaço comunitário, uma biblioteca própria para atender uma necessidade coletiva em seu território, o Chibé evoca, por meio da história de suas idealizadoras pautas políticas, que visam fortalecer a identidade local e promover ações de acesso à cultura e desenvolvimento sustentável em seu distrito.

Para a referida autora, escreviver significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências em um comum, que constituem características compartilhadas através de marcadores sociais, pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. Desta forma, por meio das suas experiências particulares, criou-se atividades e múltiplas linguagens usadas em suas mobilizações de base, que promovem um saber comunitário, atuante em seu território, que compartilham suas

confluências, saberes, resistência e visam o fortalecimento da social, cultural e ambiental mais justo e igualitário dentro de Icoaraci. As diversas programações e ações pautadas no ativismo dentro do território de Icoaraci, com eventos de caráter multirracial e pluricultural da região, tem adotado uma formulação de princípios, que remetem às tecnologias ancestrais[4] relacionar demanda social, produção tecnológica, política e economia ao enfatizar o processo que conduz o desenvolvimento tecnológico e ao incorporar a ele os aspectos culturais e organizacionais, além dos aspectos técnicos. Desta forma o Chibé tem contribuído para promover reflexões sobre justiça climática, direitos humanos e o conceito de do bem viver a partir das suas subjetividades como podemos observar na imagem III a seguir:

Figura III: Integrantes do Chibé na I Mostra de Icoaraci – Icoracine.

Fonte: Arquivo pessoal das interlocutoras, 2024.

Nas suas escrevivências, as interlocutoras retratam que a Biblioteca Comunitária e Espaço Cultural Chibé busca criar novos imaginários e possibilidade de acessos por meio das múltiplas linguagens. A ausência vira presença através da realização de suas atividades, em que propõe apresentar as dinâmicas emergentes pensadas para crianças, jovens e adultos de Icoaraci, entre elas estão: Programação com as infâncias, a partir da arte, educação

[4] VERASZTO, E. V.; SILVA, D.; MIRANDA, N. A.; SIMON, F. O. **Tecnologia**: buscando uma definição para o conceito. Prisma.com, Porto, n.8, p. 19-46, 2009.

socioambiental e climática; Mostra e Laboratório de Cinema; Roteiro Ecoturístico; Encontro Comunitários para debater sobre Direitos Climáticos e organização da comunidade; Formação de jovens mobilizadores climáticos e outras ações, todas protagonizadas por mulheres que viveram ou vivem realidades semelhantes do seu público alvo, ou seja, pensar em si é pensar no coletivo, é construir novos imaginários sociais, tecidos a partir de seus saberes e potencialidades, apesar das persistentes desigualdades, ausências históricas e estruturais que os atravessam.

3.1 O COLETIVO CHIBÉ COMO FERRAMENTA PARA O BEM VIVER

A compreensão do conceito de Bem Viver se respalda especialmente nas tradições indígenas de Abya Yala (Acosta, 2016), na proposição de bem-estar da saúde e nas propostas de descolonização do saber. O conceito de Bem Viver pode ser entendido também como a luta contra os excessos do capitalismo, buscando uma convivência harmoniosa entre o cosmo, a natureza e a humanidade.

A noção de Bem Viver para Krenak (2020), abrange muitas dimensões e significados, ela possui um compromisso ético com os seres humanos e não humanos, é constituída de lutas contra as desigualdades, visando sempre o bem-estar coletivo para, desta forma o referido autor argumenta:

> O Bem Viver pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal. Quando estamos habitando um Planeta disputado de maneira desigual, e no contexto aqui da América do Sul, do país em que vivemos que é o Brasil, que tem uma história profundamente marcada pela desigualdade, a gente simplesmente fazer um exercício pessoal de dizer que vai alcançar o estado de Buen Vivir, ele é muito parecido com o debate sobre sustentabilidade, sobre a ideia de desenvolvimento sustentável (Krenak, 2020, p.8-9).

Logo pensar em Bem Viver na lógica do território icoaraciense, começa a partir da origem do seu nome, que em Tupi que significa “de frente para o sol”, sendo ele um dos oito distritos da Região Metropolitana de Belém (PA). Com aproximadamente 20 km distante do centro da cidade, banhada pela Baía do Guajará e popularmente conhecida como “Vila Sorriso”. Sua localidade abriga um dos maiores polos industriais e ceramistas da região, sendo lar de mestres e fazedores de cultura do carimbó e das olarias, além de músicos, grupos folclóricos e pontos de cultura que evidenciam as potencialidades do distrito — especialmente

na cena cultural, marcada por arte, resistência, ancestralidade e o compromisso com a salvaguarda da cultura popular.

Como toda e qualquer área urbana possui vulnerabilidades sociais, históricas e estruturais, que refletem um legado de violências herdadas desde as primeiras invasões exploratórias na Amazônia. Esses processos causam impactos profundos — tanto ambientais quanto sociais — que ainda hoje afetam a vida dos moradores. Como consequência, observa-se um distanciamento crescente da comunidade em relação ao próprio território, afetando o direito de permanência, agravado pela ausência de políticas públicas e serviços essenciais. Isso reforça o movimento constante de deslocamento dos moradores até o centro da cidade, onde se concentram os grandes eventos, instituições de ensino e a maioria das oportunidades de trabalho.

Portanto, é nesse território que, apesar de suas vulnerabilidades, que também pulsa potencialidades, que se localiza o Coletivo Chibé. Suas metodologias ativas acreditam nas múltiplas linguagens como ferramenta de transformação, senso de pertencimento, participação de base comunitária e bem-viver. Nesse sentido, o coletivo é um exemplo de espaço extracurricular e interseccional de formação, atuando para que o bem viver seja uma realidade para seus participantes, ao proporcionar acessos onde, muitas vezes, o poder público não alcança. Tayna Silva, comunicadora e idealizadora do coletivo, afirmou durante a entrevista:

> Mas aí quando a gente volta e olha tudo que a gente se aproxima, toda presença que existe na ausência desse Estado, a gente percebe que está muito distante dessa escassez, sabe? Não tem escassez, tem ausência do Estado, tem a ausência de políticas públicas, tem presença de muitas outras coisas, que a gente é rico de outros espaços, em outras teorias, sabe? [...] Não, não é um território pobre, é um território empobrecido. Não é um território escasso, é um território desvalorizado. E a gente começa ter esse jogo de palavras para existir, né? Se não, a gente vai acreditando nas coisas que dizem do nosso território (Silva, 2025, s/p).

De igual modo, é importante destacar o que Nêgo Bispo chama atenção em sua proposição “nós somos o meio, o fim e começo” pensando na ruptura de uma lógica familiar no que tange o desenvolvimento tradicional. Nêgo Bispo sugere uma visão expansiva e autônoma que esteja pautada dentro das particularidades e vivências de cada sujeito e espaço. Ou seja, o sujeito não é agente distante do processo, mas participa e protagoniza ativamente.

No caso do Coletivo Chibé, essa perspectiva se materializa em múltiplos sentidos, especialmente na atuação dentro de Icoaraci, a partir de saberes locais, experiências vividas e relações comunitárias. As trocas tecidas nesse espaço não dependem diretamente de intervenções externas, mas nascem do território, e para ele retornam.

Nessa lógica, o coletivo evidencia a continuidade na criação de novos imaginários, pautados no fazer comunitário e no Bem Viver, e colhe os frutos das pequenas transformações provocadas por suas próprias ações, tanto para as integrantes quanto para a comunidade do Distrito de Icoaraci. É possível observar durante a entrevista tamanha satisfação de Silvia Maria, financiadora e integrante do coletivo, reforçando o espaço como lugar onde Bem Viver é uma realidade, quando pontua:

> Não há tristeza nesse espaço. Quando estão aqui, eu só fico me esforçando de ouvir a conversa delas, fico ouvindo as gargalhadas maravilhosas delas aqui, conversando sobre o que acontece. Eu fico muito feliz de ver, sabe, são jovens buscando coisas, buscando algo melhor (Silva, 2025, s/p).

Na perspectiva de Bem-Viver de Toulouse (2020), antes de tudo é preciso criticar as políticas que reforçam estratégias de imposição baseada no único modelo de existência. O autor descreve que essas políticas são reforçadas pelo pretexto de se constituir e universalizar o bem viver, desconsiderando a pluralidade dos modos de vida. Os moldes "universalistas" onde se assentam essas concepções, portanto, escondem um processo histórico de apagamento de identidades e modos de vida.

Por fim, a vivência no coletivo na periferia de Icoaraci/Belém demonstra o Bem Viver que emerge do próprio território e das relações que são realizadas dentro do fazer comunitário, revelando outros "bem viveres" feitos de maneira concreta, situada, afetuosa e plural.

4. O FEMINISMO NEGRO E MEIO AMBIENTE: O ATIVISMO DE MULHERES NEGRAS COMO PRECURSORAS DO CHIBÉ

Ao ser elaborado este trabalho, alguns pontos vieram a tona justamente pela iniciativa desse coletivo partir de duas mulheres negras, que vivem em Icoaraci, e além de criarem, elaborarem e sustentarem o coletivo Chibé como espaço físico, há também a construção de um espaço político e social que elas fomentam. Quando pontuada essa percepção, Tayna comenta que dentro das dificuldades de desenvolver seu trabalho, ela aponta:

> Acho que a gente precisa colocar de forma muito política Icoaraci, né? Que a escolha de permanecer aqui não é à toa também, é uma escolha muito política. Quando a gente traz um projeto como este, um coletivo como este, pra Icoaraci é reconhecendo toda a importância geográfica que ele tem pra história de Belém, ao mesmo tempo da sua grande desvalorização, né? Então, ao mesmo tempo que a gente vai ouvindo essas histórias como a da minha mãe, a gente ouve histórias da Alda, ouve histórias do mestre Guia, da mestra Zulu, a gente vai ouvindo essas

> histórias e a gente vê uma contribuição geográfica, espacial e cultural pra Belém gigantesca. Que a cultura de Belém não seria Belém se não tivesse Icoaraci. Mas, ao mesmo tempo, um desdém com essa comunidade daqui, sabe? Um desdém espacial de... a gente não tem acesso a políticas públicas eficientes (Silva, 2025, s/p)

Nessa perspectiva, temos alguns pontos para serem elaborados ao pensar os ativismos de mulheres negras na Amazônia e o debate sobre meio ambiente, a fala da interlocutora Tayna, é mais uma evidência como o espaço do Coletivo Chibé se apresenta como lugar de resistência da cultura negra amazônica. Como relatado anteriormente, a região de Icoaraci e onde o Coletivo Chibé está localizado, fica aproximadamente 20km de distância do grande centro de Belém, no qual os moradores dessa região precisam deslocar todos os dias, já que há uma maior concentração de empresas e organizações públicas, além dos poucos lugares de lazer gratuito estarem mais estabelecidas nessa região (como praças, cinemas e teatros).

Assim, o viés político e social apresentado por Tayna e Dona Silvia nos leva a um lugar interseccional, esse espaço como luta e resistência. Quando observada a capacidade econômica e social de Icoaraci, compreendemos que dentro de uma vasta baía hidrográfica, floresta e recursos pesqueiros, os impactos advindos dos processos históricos de "desenvolvimento desenfreado" na região, tem como resultado diferentes processos de exploração e de impactos ao meio ambiente. E essa é uma das frentes de trabalho em que o Coletivo Chibé continuamente realiza encontros, atividade e oficinas pensando o meio ambiente e a defesa do território de Icoaraci não somente através de seus recursos naturais, mas sobre um contexto no qual o feminismo negro se encontra com o debate sobre justiça climática e dentro do contexto amazônico envolve proteger tanto a cultura quanto o ecossistema.

Quando pensamos a destruição da natureza dentro de uma sociedade capitalista observamos a invisibilização e subordinação de pessoas racializadas e mulheres nas sociedades racistas e patriarcais que encontram raízes comuns e provém de uma cultura que coloca uma parede entre os seres humanos e o resto dos seres vivos (Vieira e Pinto, p.67, 2024).

Nesta perspectiva, o feminismo negro surge com foco nestas peculiaridades, salientando que estas só podem ser apreendidas a partir da compreensão do lugar da mulher negra no cruzamento interseccional das opressões de gênero e de raça e que, muitas vezes, resulta em opressão de classe. "(...) Além do sexismo, lutamos contra o racismo e a discriminação racial que fazem de nós o setor mais explorado e mais oprimido da sociedade brasileira (Gonzalez, 2020. p.107).

Os estudos de Lélia Gonzalez (2020), Lugones (2008) e Sueli Carneiro (2003) apontam que há uma correlação entre a desumanização histórica de mulheres negras; que os conceitos de gênero e raça não podem ser observados de forma separada, esses diversos sistemas de opressão se contrapõem por isso. Quando pensamos no Coletivo Chibé como este lugar de resistência territorial e que repensa formas de trazer a sociedade esse debate, buscando dar voz a mulheres e crianças, pessoas racializadas e outros grupos que mais sofrem as consequências dos danos ambientais na região.

Alguns exemplos, as interlocutoras descreveram através de suas atividades e parcerias com organizações que lutam pela justiça climática como na imagem IV, onde temos as representantes do Chibé no 1° Encontro do Comitê Regional Amazônico das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver, realizado em fevereiro de 2025 em Belém do Pará.

Figura IV: Representantes do Chibé em evento de Mulheres Negras e Bem Viver na Amazônia.

Fonte: Coletivo Chibé, 2025.

Como pode ser observado, existem diversos movimentos e dinâmicas que mobilizam o coletivo Chibé que interligam a experiência frente aos projetos ligados à cultura e preservação do território. Exemplificando outras ações que corroboram temos a elaboração da Carta de *Direitos Climáticos*[5] por Icoaraci: Um Manifesto por Bem-Viver, construída em 2024 pelo coletivo Chibé e realizada com apoio de "The Climate Reality Project Brasil", Fundo Canadá para iniciativas locais e Fundação Abrinq.

[5] Ferramenta de mobilização territorial que busca através de encontros comunitários pautar as necessidades, sonhos e demandas dos moradores, pensando justiça climática e social por meio do advocacy. ://cartasdedireitosclimaticos.com.br/wp-content/uploads/2025/04/Carta-de-Icoaraci.pdf.

A carta, construída pelos trabalhadores e trabalhadoras do espaço Chibé, apresenta 5 grandes eixos trazendo à tona a pauta sobre educação, saúde, saneamento básico, cultura e saberes ancestrais e a participação ativa das crianças ao olhar as questões climáticas. No decorrer das experiências citadas, percebe-se que as comunidades negras e periféricas sofrem de forma desproporcional os impactos da degradação ambiental, como falta de saneamento, poluição das águas e ausência de áreas verdes.

Em diferentes tópicos, é possível compreender que a luta do território de Icoaraci é liderada por mulheres negras e periféricas, e que é através da articulação e reivindicação de direitos que ações de preservação e conhecimento frente a justiça climática que essas mulheres encontram um lócus que articula suas demandas sociais e em defesa do meio ambiente. Assim, o espaço Chibé aponta que as mulheres negras de Icoaraci sofrem opressões simultâneas, seja pela violência de gênero, exclusão de políticas e são as mulheres que também estão mais suscetíveis aos impactos ambientais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou o Espaço Cultural e Biblioteca Comunitária Chibé como um lugar físico que reúne pautas latentes na busca de um Bem Viver e como articulador de uma resistência socioambiental em Icoaraci, Belém (PA). Um lugar que foi elaborado e concretizado por suas idealizadoras, Dona Sílvia Maria e Tayna Silva, observamos como a criação e manutenção deste espaço ultrapassa a dimensão física, é um projeto político de resistência seja por sua frente de articulação com a justiça climática, ou por sua força como lugar social e cultural que valoriza a presença negra amazônica.

O Chibé materializa na prática os conceitos teóricos apontados ao longo deste artigo. Quando pensamos no processo da escrevivência, temos as histórias e memórias de Dona Silvia e Tayna Silvia, que discorrem como as atividades educativas, são reflexo de experiências vividas. No que tange a experiência e fortalecimento do Bem Viver, a criação da Biblioteca e a manutenção de um lugar de afeto, um lugar político e cultural baseado na coletividade e que contrapõe a lógica capitalista observada na região. E o movimento de mulheres negras na Amazônia, articula raça, gênero e atua e articula as ações contra racismo ambiental e pela justiça climática.

Assim, através das escrevivências apontadas e das atividades observadas nas quais o Chibé organiza um engajamento da comunidade, fortalecimento da leitura e da formação

política, é possível perceber como esses projetos transformam e mobilizam pela luta por direitos ambientais e culturais. O Chibé é esse território que desenvolve outra forma de se pensar lugares e coletivos comunitários e que demonstra de forma prática como é possível construir uma sociedade mais justa, plural e sustentável, onde o Bem Viver está no cerne dessa construção.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução: Tadeu Breda. Bela Vista: Autonomia Literária; São Paulo: Elefante, 2016. BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o Giro Decolonial. **Rev. Brasileira. Ciência. Política**., v.11, ago. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 20 de julho de 2025.

COSTA, Suzane Lima; XUCURU-KARIRI, Rafael (orgs.). **Cartas para o Bem Viver: as cartas dos povos indígenas ao Brasil**. Salvador: ParaLeLo13S, 2020. p. 175-177.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L. NUNES , I. R. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020.

GERHARDT, T. E., & SILVEIRA, T. D. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, (2009).

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras. Disponível em https://www.ufrgs.br/observaeducampors/wp-content/uploads/2023/06/Ailton-Krenak-A-Vida-Nao-E-Util-2020.pdf. Acesso em 20 de julho de 2025.

KRENAK, Ailton. A origem do bem viver. In: KRENAK, Ailton; MAIA, Bruno (Org.). Caminhos para a Cultura do Bem Viver. Sl: **Cultura do Bem Viver**, 2020. Disponível em: https://cdn.biodiversidadla.org/content/download/172583/1270064/file/Caminhos%20para%20a%20cultura%20do%20Bem%20Viver.pdf . Acesso em: 25 de julho de 2025.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́ (org.). **Oprimida: raça, classe e gênero no Brasil e no mundo**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 23-42.

GONZALEZ. Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira (p. 75- 93). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ITAÚ CULTURAL. Nego Bispo — **Trajetórias** [vídeo]. Youtube, 20 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Tqt9BnrolFg&t=209s . Acesso em: 15 de agosto de 2025.

VIEIRA, Larissa Lauane Rodrigues; PINTO, Luiza Aarestrup Rocha Ferreira**.** A questão ambiental sob a perspectiva decolonial: questões de gênero e raça e contribuições do antirracismo e do ecofeminismo. In: RIOS, Mariza (org.). **Direitos da natureza e educação ecológica**. São Leopoldo/RS: Casa Leiria, 2024. p. 67–84. DOI: 10.29327/5392371.1-6.

VERASZTO, E. V.; SILVA, D.; MIRANDA, N. A.; SIMON, F. O. **Tecnologia**: buscando uma definição para o conceito. Prisma.com, Porto, n.8, p. 19-46, 2009.

Fotografias

Foto divulgação da I Mostra Chibé sobre Cinema e História em Belém. [fotografia]. Belém. Agência Pará, 2019. Disponível em: https://www.agenciapara.com.br/noticia/13161/i-mostra-chibe-sobre-cinema-e-historia-de-belem-acontece-no-sesc-ver-o-peso Acesso em:16 de agosto de 2025.

Foto de Silvia Maria e Tayna Silva, integrantes do Coletivo Chibé. [fotografia]. Acervo pessoal das interlocutoras, 2020.

LEÃO, Lua. **Fotografia das integrantes do Coletivo Chibé na Mostra Icoaracine**. [fotografia]. Acervo pessoal das interlocutoras, 2023.

Representantes do Chibé no evento de Mulheres Negras e Bem Viver na Amazônia. [fotografia]. Belém, 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DFxU9c6O72g/?igsh=OGhpbWtxYnB3eGQy. Acesso em: 16 de agosto de 2025.